

Comportamentos Estimulados e Divergência de Caráter: Uma Questão de Perspectiva¹

Isis DRUMOND²
Luciana MOURA³

Universidade Vila Velha, Vila Velha, ES

Resumo

Este trabalho analisou como o ser humano pode ser condicionado a ações que fogem sua conduta frequente e pretendeu relacionar as teorias de três grandes estudiosos da psicologia analítica, social e Behaviorista. Carl Jung, Stanley Milgram e Watson. Além disso, foi anexada a este trabalho uma pesquisa de campo feita com 150 voluntários que responderam algumas perguntas sobre o tema e permitiram um resultado satisfatório. Entendeu-se que, de alguma maneira, os arquétipos, o senso de obediência e o condicionamento, estimulam as pessoas a fazerem coisas que nem sempre condizem com a realidade que estão acostumadas.

Palavras chave: psicologia; teoria; arquétipos

Considerações iniciais

Em toda a história da humanidade estivemos acostumados a rotular pessoas e comportamentos. Cada ser humano, de acordo com as teorias do senso comum, é denominado “bom” ou “ruim”. Isto pode ser apontado por sua vivência, caráter ou até mesmo por traços genéticos. Acredita-se que as ações de um indivíduo já são pré-determinadas com seus histórico de comportamentos. Ou seja, se uma pessoa está acostumada com a honestidade, dificilmente será corrompida, pois esta é uma característica permanente daquele ser.

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² “Aluna do curso de comunicação social- Jornalismo UVV. isis_drumond@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo UVV-

A não ser que o indivíduo se caracterize como um psicopata, que consegue se reinventar a cada situação para atingir seus objetivos sem que ninguém desconfie de quem ele é, uma pessoa mantém suas particularidades relativamente visíveis para todos. Por isso, por mais que exista poder de convencimento, persuasão e influência, o ser humano é capaz de filtrar seus ideais sem se deixar levar por devaneios alheios. Isto é o que muitos ainda acreditam.

“Para os desavisados, reconhecê-los não é uma tarefa fácil quanto se imagina. Os psicopatas enganam e representam muitíssimo bem! Seus talentos teatrais e seu poder de convencimentos são tão impressionantes que chegam a usar as pessoas com a única intenção de atingir seus sórdidos objetivos. Tudo isso sem aviso prévio, em grande estilo, doa a quem doer.” (SILVA, Mentis Perigosas, 2008)

Apesar de tantas especulações, alguns estudiosos formularam teorias que desmentem a ideia de permanência de comportamento pré-determinado sob qualquer estímulo apresentado. Estudos que perpassam o Behaviorismo e a Psicologia Social mostram resultados sobre a obediência e os possíveis mecanismos de convencimento.

O objetivo geral deste trabalho é apresentar, de acordo com as teorias Behavioristas de John B. Watson⁴ e as teorias da psicologia social de Stantey Milgram⁵, como uma pessoa pode ser treinada para ser qualquer coisa e de que maneira não podemos afirmar que uma pessoa que frequentemente tem boa conduta permanecerá nesta condição independente de qualquer apelo.

A vontade em discorrer este tema surgiu da divergência de opinião que a sociedade vive. Dificilmente em uma simples discussão chega-se a uma conclusão sobre o comportamento. As especulações são muitas e com resultados significativamente diferentes. Por isso, associar algumas teorias pode facilitar o entendimento do tema, e quem sabe, chegar a uma resposta coerente.

Fundamentação teórica

A partir deste tema, alguns autores se destacam por suas pesquisas radicalistas e de resultados satisfatórios. O Behaviorismo, “conceito generalizado que engloba as mais

⁴“Foi um psicólogo estadunidense, considerado o fundador do comportamentismo ou comportamentalismo(ou simplesmente behaviorismo).”

⁵“Foi um psicólogo graduado da Universidade de Yale que conduziu a experiência dos pequenos mundos (a fonte do conceito dos seis graus de separação) e a Experiência de Milgram sobre a obediência à autoridade.”

paradoxais teorias sobre o comportamento dentro da psicologia”(INFOESCOLA, online, 2013), anexa aos seus estudiosos o pesquisador John B. Watson. Segundo ele, qualquer pessoa, independente de sua natureza, pode ser treinada para ser qualquer coisa.

Isso pareceria absurdo se não passasse por tantos testes de comprovação. Watson acreditava que toda criança era uma folha em branco. Ou seja, ele poderia treinar qualquer um a ser qualquer coisa. Médico, advogado, professor ou até ladrão. Tudo era baseado no ensinamento e nos estímulos. Nada tinha relação com fatores genéticos ou vocação.

O mais famoso de seus experimentos foi realizado em uma criança de nove meses a fim de descobrir se era possível ensinar uma pessoa a sentir medo de um animal, associando sua imagem, repedidas vezes, a um barulho alto e assustador. O pesquisador constatou que o menino não tinha medo de ratos e até esticava as mãos para toca-los quando apresentado ao animal. Entretanto, depois de algumas sessões de associação e de condicionamento entre o barulho de um martelo e a aparição do ratinho a criança apresentava sentimento de medo.

“Watson descobriu que era relativamente fácil estabelecer o medo no sujeito, mediante um simples procedimento de condicionamento. Esse aspecto da pesquisa foi completado pela demonstração de que a resposta condicionada de medo se espalhava ou generalizava a estímulos semelhantes, mas previamente neutros, de um modo comparável ao que se verificava com outras espécies de respostas condicionadas sem componentes emocionais.”(MARX,HILLIX, Sistema e teorias em psicologia ,pag.240, 1998)

Suas pesquisas não foram até o fim por conta de um escândalo que envolvia a relação entre ele e sua secretária. Mesmo assim, o pesquisador continuou a escrever livros sobre o tema e conseguiu perpetuar sua teoria por milhares de seguidores que acreditam e confiam na radicalidade de suas respostas.

O trabalho de Watson começou em 1820 e foi extremamente criticado. Várias gerações consideravam a abordagem fria e nada sentimentalista. Mas alguns de seus métodos, por muito tempo foram adotados nas escolas americanas.

Já em 1963, mais de 100 anos depois, em uma sociedade completamente diferente daquela época, outro pesquisador se dispõe a entender o comportamento das pessoas baseado nas ordens que elas recebem.

Stanley Milgram acreditava que desde cedo os seres humanos são treinados para serem obedientes. Por isso, diante de uma figura de autoridade e credibilidade o indivíduo se vê

obrigado a entrar em um conflito com seus valores morais. Mesmo que seus lados mais sombrios e obscuros estejam adormecidos, eles podem vir à tona para obedecer a algum estímulo autoritário.

Seu experimento se baseou em provar que pessoas comuns que estão apenas fazendo seu trabalho e não apresentam nenhum tipo de hostilidade podem tornar-se agentes de um processo terrível e destrutivo.

Durante seus estudos, Milgram afirmou coisas como: “Durante uma guerra, um soldado não questiona se é bom ou ruim bombardear uma aldeia”. Por isso, de acordo com ele não se pode provar que uma pessoa é 100% boa ou não. Tudo vai depender do incentivo ou ordem que ela vai receber.

Na universidade que lecionava, Milgram montou uma espécie de teste para homens comuns. Afirmando que eles passariam por um teste de memória, o pesquisador quis verificar qual o nível de obediência de uma pessoa que era estimulada a dar choques elétricos de até 450 volts em um ser humano. Tudo era fictício e o ator não recebia choque nenhum, porém, os testes comprovaram que em uma situação verdadeira quase 70% das pessoas chegariam ao final da experiência.

Isso mostra que independente de suas frequentes condutas, quando colocadas em uma situação de autoridade, mesmo sem concordar com a ação, as pessoas são capazes de atos atrozes. O sucesso da experiência fez várias gerações pensarem em até que ponto uma pessoa é realmente “boa” ou não.

Para entrelaçar estes dois teóricos, citar Carl Jung ⁶ pode trazer clareza aos resultados deste trabalho. “Braço direito” de Sigmund Freud, o pesquisador estudava o inconsciente. Depois de algumas divergências com o parceiro, Jung continuou suas ideias e introduziu as teorias do inconsciente coletivo ⁷.

Segundo ele “O inconsciente individual repousa sobre uma camada profunda que se chama inconsciente coletivo”. Isso seria uma memória ancestral que é existente em todo ser humano. É como se cada pessoa tivesse, dentro de si, vários outros modelos de pessoas que são frequentes em todas as sociedades.

⁶ “Foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica. Jung propôs e desenvolveu os conceitos da personalidade extrovertida e introvertida, arquétipos, e o inconsciente coletivo. Seu trabalho tem sido influente na psiquiatria e no estudo da religião, literatura e áreas afins.”

⁷ “É a camada mais profunda da psique. Ele é constituído pelos materiais que foram herdados, e é nele que residem os traços funcionais, tais como imagens virtuais, que seriam comuns a todos os seres humanos. O inconsciente coletivo também tem sido compreendido como um arcabouço de arquétipos cujas influências se expandem para além da psique humana.”

“Consciente coletivo pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente a psique ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são (...) os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica supra pessoal que existe em cada indivíduo. Uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença de conteúdos capazes de serem conscientizados. Só podemos falar, portanto, de um inconsciente na medida em que comprovamos os seus conteúdos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados arquétipos.” (JUNG, Os arquétipos e o inconsciente coletivo, pag. 16,17, 2007)

Para isso ele deu o nome de arquétipos. Que seriam padrões herdados de alguns comportamentos ou emoções. Ou seja, por mais que uma pessoa siga um modelo de vida ou tenha um arquétipo dominante, outros padrões permanecem dentro dela, esperando a hora oportuna para aparecer.

Se alguém dominado pelo arquétipo do Prestativo⁸ se vê em uma situação de irritação, nada impede que o arquétipo do Sombra⁹ apareça e o domine por alguns instantes. Isso prova que ninguém é sempre a mesma pessoa.

Por isso esta pesquisa pretende relacionar estes teóricos e contextualizar a realidade do século XXI. A ideia é responder sobre o comportamento frequente das pessoas analisando uma pesquisa de campo feita com 150 pessoas.

Métodos

A partir dos objetivos deste trabalho, pretendeu-se analisar as partes da obra “O livro da Psicologia” (COLLIN, BENSON, GINSBURG, GRAND, LAZYAN. WEEKS, 2012) que

⁸ “O Prestativo é um altruísta, movido pela compaixão, pela generosidade e pelo desejo de ajudar os outros. Ele teme a instabilidade e a dificuldade, não tanto por si mesmo, mas pelo impacto sobre as pessoas menos afortunadas ou menos resistentes aos choques.”

⁹ “Sombra, em psicologia analítica, refere-se ao arquétipo que é o nosso ego mais sombrio. É, por assim dizer, a parte animal da personalidade humana. Para Carl Jung, esse arquétipo foi herdado das formas inferiores de vida através da longa evolução que levou ao ser humano. A sombra contém todas aquelas atividades e desejos que podem ser considerados imorais e violentos, aqueles que a sociedade, e até nós mesmos, não podemos aceitar. Ela nos leva a nos comportarmos de uma forma que normalmente não nos permitiríamos.”

tratam do behaviorismo, das teorias do inconsciente e da psicologia social relacionadas com a pesquisa de campo realizadas com 75 jovens de 15 à 25 anos e 75 adultos de 35 à 55 anos. A escolha da obra esta relacionada com a linguagem acessível, que permite a qualquer interessado entender mais dos assuntos discutidos neste trabalho, além de fazer referencia a outros autores que pesquisaram temas semelhantes. Por isso, entende-se que um assunto que gera tantas especulações e teorias do senso comum, deve ser discutido com a mesma simplicidade sem eliminar os tópicos mais importantes.

A pesquisa foi realizada na cidade de Vila Velha- ES e utilizou uma pergunta para o grupo de entrevistados. Ela questionava até que ponto eles eram obedientes ao ponto de saírem de sua conduta moral e ética. Sem fazer qualquer referência ou especificidade.

Em um segundo momento algumas frases foram anexadas à pergunta. Como por exemplo: “para salvar um familiar”, “Para o bem da ciência”, “pela autoridade de um policial”.

Em um terceiro e ultimo momento eles davam uma rápida opinião sobre alguma notícia polêmica que envolva animais e pessoas. Como no caso recente da empresa de cosméticos que utilizava cachorros vivos para testes de seus produtos em comparação da conduta de soldados alemães que guerreavam na segunda grande guerra.

Estas perguntas tinham o principal objetivo de analisar as possíveis contradições das respostas dadas. A partir disso, a pesquisa tem a intenção de concordar ou não com a essência de cada pesquisa apresentada sob a ótica da experimentação do contexto atual. Afinal as sociedades evoluem e sempre é possível uma diferenciação de realidade entre hoje e o passado da humanidade.

Resultados

Correlacionar teorias desenvolvidas em tempos tão diferentes e em contextos históricos extremamente específicos torna-se tarefa difícil. Porém quando se tratam de três experimentações tão consolidadas sobre as ações do ser humano, pesquisas e estudos são necessários pra o entendimento de nossa espécie.

Apresentada a primeira parte da entrevista, as respostas foram rápidas e diretas. 139 pessoas afirmaram não ter dúvidas sobre suas condutas. Disseram não serem capazes de obedecer

qualquer tipo de ordem que entre em contradição com suas normas de moral e boas maneiras. 11 pessoas pensaram um pouco e foram mais maleáveis. Disseram não ter uma resposta segura por não serem apresentados a uma situação concreta.

No segundo momento as contradições apareceram. No item que citava um familiar, as 150 pessoas não pensaram para responder que seriam capazes de qualquer coisa para salvar um ente querido. Mesmo que de alguma forma exista contradição em sua frequente conduta.

Mas quando o assunto era ciência. Os mais velhos se mostravam mais resistentes. A maior parte dos adultos (49 pessoas) se mostram resistentes em se entregar as teorias científicas. Entretanto o grupo de jovens é unanime em dizer que seriam capazes. A justificativa é que com a evolução da sociedade e o aparecimento de novas doenças a ciência deve ser respeitada e obedecida, desde que tenha o mínimo de ética envolvida.

Já no terceiro momento as opiniões foram bem divergentes. Os que seguiram para o lado emocional (71 pessoas) afirmam ser contra a conduta dos soldados alemães e também dos experimentos do instituto Royal. Já o restante que preferiu seguir o lado racional, entende que os soldados não tinham outra escolha. Além de serem treinados para aquele momento. Talvez muitos deles não tinham noção de que seus atos não eram dignos de honra. Afirmaram também que os experimentos do instituto Royal são necessários para que futuramente os produtos não tragam complicações a seres humanos.

Nesta pequena pesquisa, entendeu-se que, dadas algumas situações, as pessoas afirmam não manter sua conduta frequente. Isso porque sabem que de alguma forma cada situação nos faz agir de uma determinada maneira. Isso consolida a teoria dos arquétipos.

Além disso, percebe-se que de alguma forma, quando uma pessoa é condicionada a alguma coisa, pouco importa sua conduta moral. Ou talvez ela simplesmente esteja relacionada àquela ação. Como no caso dos soldados da segunda guerra. Desta maneira consegue-se enxergar traços da obediência de Milgram e o condicionamento de Watson.

Por tanto, os resultados da pesquisa afirmam que apesar das divergências de opinião, as três teorias de cunho tão diferenciado ainda estão presentes na sociedade pós moderna. Pode-se afirmar que de alguma maneira todo ser humano pode desempenhar qualquer papel. Tudo vai depender do estímulo que lhes é dado.

Discussão

Este trabalho buscou relacionar as teorias de grandes pensadores da psicologia. Cada um em sua área de atuação com um fator em comum, tentar entender como o ser humano

manipula suas ações, de que maneira ele pode ser condicionado e até que ponto ele mantém firme suas condutas de ética, moral coletiva e individual.

A existência dos arquétipos mostra que nem sempre o caráter que uma pessoa julga ter é intacto ou não pode ser burlado. Tudo depende do estímulo que você recebe naquele momento. Somos frequentemente colocados à prova. O prestativo de hoje pode ser o explorador de amanhã. Nem por isso teremos a alcunha de “bons” ou “ruins”. A grande questão da teoria de Jung é provar que ninguém é 100% positivo ou negativo. Todos estes arquétipos são comandados por um arquétipo maior que é o da Persona¹⁰. Isso não faz de ninguém uma aberração ou um santo. Simplesmente prova que todos têm defeitos, qualidades, pensamentos puros e até pensamentos sórdidos.

Por outro lado, também se deve levar em consideração que independente de vocações e traços genéticos as pessoas podem ser condicionadas a qualquer tipo de ensinamento. Watson provou por meio da experimentação em uma criança que ele pode manipular o sentimento do amor, raiva e medo com estímulos positivos ou negativos naquele ser. No contexto atual entendemos que uma pessoa que está acostumada com maldades ou bondades pode ser manipulada a não fazer mais aquilo. Mesmo que não seja permanente como no caso do filme *Laranja mecânica*¹¹.

A permanência destas atitudes ainda não foi descoberta. Acredita-se que todo ser humano também carrega em seu comportamento alguns traços genéticos. Por isso Watson foi tão criticado. Sua teoria é radicalista e elimina a existência de vocação. Tudo parte do ensinamento. Entretanto não se pode negar a eficácia do condicionamento, principalmente relacionados ao sentimento de medo, raiva e amor.

Vários outros behavioristas estudaram o comportamento de uma forma menos radical, como Skinner¹², Thorndinke¹³ e Pavlov¹⁴. Mas a escolha em relacionar esta pesquisa com

¹⁰ “A persona (em latim , "Máscara", o ator) representam o arquétipo da máscara na conceituação da psicologia analítica de Carl Gustav Jung .”

¹¹ “No futuro, o violento Alex (Malcolm McDowell), líder de uma gangue de delinquentes que matam, roubam e estupram, cai nas mãos da polícia. Preso, ele recebe a opção de participar em um programa que pode reduzir o seu tempo na cadeia. Alex vira cobaia de experimentos destinados a refrear os impulsos destrutivos do ser humano, mas acaba se tornando impotente para lidar com a violência que o cerca.”

¹² “Conduziu trabalhos pioneiros em psicologia experimental e foi o proponente do Behaviorismo Radical, abordagem que busca entender o comportamento em função das inter-relações entre a filogenética, o ambiente (cultura) e a história de vida do indivíduo.”

¹³ “Iniciou seus estudos de Psicologia Na Universidade de Harvard, Estados Unidos, onde foi discípulo de William James. Um dos aspectos da psicologia que particularmente o fascinava, era o estudo do aprendizado dos animais. Posteriormente, passou a estudar com Catel, na Universidade de Columbia, onde se transferiu, a fim de prosseguir seus estudos.”

Watson se refere à eficácia de seus resultados no menino Albert, pesquisado em seu experimento. Este trabalho não pretendeu alcançar resultados permanentes. A ideia é provar que todo ser humano é capaz de cometer atos divergentes de sua conduta normal.

Essa discussão nos leva ao terceiro teórico que nas pesquisas prova que um homem comum pode cometer atos terríveis por ser condicionado à obediência. Acredita-se que todo ser humano já nasce sabendo ser subordinado. Independente de nossos pensamentos adquiridos por vivência, educação ou cultura, diante de uma autoridade, somos automatizados a obedecer.

Voltamos ao título do trabalho: “Comportamentos estimulados e divergência de caráter: uma questão de perspectiva”. Depois das relações feitas entre as teorias e a pesquisa de campo o trabalho prova que não se pode julgar uma pessoa por caráter permanente. Cada indivíduo pode ter reações diferentes de suas ações comuns quando colocados em situações que fogem ao seu cotidiano.

Estes estímulos tanto podem fazer uma pessoa boa cometer um ato terrível, quanto podem fazer uma pessoa com desvio de caráter se apresentar em uma situação inimaginável como, por exemplo, salvar uma vida.

Considerações finais

Este trabalho buscou analisar como o comportamento das pessoas pode ser manipulado seja por um estímulo, por obediência ou pela existência de arquétipos no inconsciente coletivo de cada um.

De acordo com três consolidadas teorias da psicologia, relacionadas e anexadas a uma pesquisa de campo, realizada no Espírito Santo, entendeu-se que as pessoas se contradizem ao afirmar que são fieis às suas condutas e boas maneiras.

Cada ser humano guarda em si uma diversidade de arquétipos que modificam sua personalidade e suas possíveis ações. Todos eles estão presentes em todas as pessoas e cada arquétipo se manifesta de acordo com o momento e a situação que a pessoas vive.

E diante de situações de autoridade somos condicionados a fazer coisas que em dado momento não condizem com a maneira como pensamos ou agiríamos se estivéssemos na

¹⁴ “Foi premiado com o Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1904, por suas descobertas sobre os processos digestivos de animais. Ivan Pavlov veio no entanto a entrar para a história por sua pesquisa em um campo que se apresentou a ele quase que por acaso: o papel do condicionamento na psicologia do comportamento (reflexo condicionado).”

total racionalidade. Prova disso é o experimento de Milgram e as respostas dadas à pesquisa de campo para a realização deste trabalho.

Portanto, a presente pesquisa chegou à conclusão de que independente do radicalismo das teorias apresentadas, elas fazem sentido e provam que o ser humano está em constante mudança e não pode ser tratado como um ser linear que responde aos estímulos naturais ou não. Ao contrario disso ele pode ser manipulado a fazer qualquer coisa, mesmo que este não seja este, um estado permanente.

Referências

BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, **Psicologias**, Editora Saraiva, 2009

COLLIN, BENSON, GINSBURG, GRAND, LAZYAN. WEEKS, **O livro da psicologia**, Globo Livros, Vol 1, 2012

SILVA, **Mentes perigosas**, Objetiva, Vol 1, 2008

MARX, HILLIX, **Sistema e teorias em psicologia**, Cultrix, 1998

JUNG, **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, Vozes, 2007